

Quadros do Folclore de Trás-os-Montes e Alto Douro

POR

P.^e Joaquim Manuel Rebelo

Pároco da Freguesia de Felgar, concelho de Moncorvo
e Sócio da Soc. Port. de Antropologia

Eu gostava que os leitores voassem, por momentos, nas asas da imaginação, até àquela rica região (refiro-me sobretudo aos concelhos de Torre de Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta, Vila Nova de Foz Côa e Carrazeda de Ancíães) de gente, aparentemente, rude mas sã, onde o azeite, vinho e amêndoa se colhem em abundância, enchendo a casa do lavrador, que, confiadamente, reza ao *Senhor* para que os anos *sejam fartos*, porque ele sabe bem que *com Deus tudo e sem Deus nada* (28), e surpreendessem *in loco* vários quadros da vida alto-duriense, que poderiam ser estes que, a largas e descoloridas pinceladas, lhes vou pintar.

Vivia o *Ti Cara Linda* numa pequena propriedade algo afastada da aldeia que lhe servira de berço. Para ali fora viver, naquele oásis encravado no *Planalto do Couto*, logo que o pai morrera e fizera partilhas com os irmãos; é que ele conhecia o rifão — *Deus nos dê bom vizinho na porta e na horta* (29), por isso deixara o povo, e ali se isolara convencido de que, apesar de afastado do convívio humano, *Deus nunca o abandonaria*; «pois, não é verdade, dizia ele com os seus botões, que *Deus nunca desamparou quem criou?*» (30).

Apesar de triste por só ter um filho conformava-se contudo com a *vontade de Deus*, porque dizia: «*Se Deus não os dá* (filhos) *desejá-los é pecado*» (31).

E para ali vivia segundo a norma do outro que afirmava: «*Confiar em Deus que é bom Senhor*» (32), recebendo, de vez em quando, a visita de um ou outro amigo, sobretudo quando adoentado.

Um dia, já depois do almoço, pareceu-lhe sentir bater à porta do curral, pois, os cães latiam ferozmente e investiam contra as pesadas portas.

Apurou o ouvido e sentiu:

Truz-truz.

— «*Entre quem é*», respondeu de dentro o *Ti Cara Linda*, ansioso, como sempre, porque alguém viesse dar-lhe *dois dedos de treta* (2) a fim de aliviar um pouco o seu reumático.

Logo que ouviu *voz de gente* (3), e serenados os cães, o senhor *Manel da Xica Neiva*, homem atarracado, empurrou uma das portas, rangeram as *couçueiras* (4), entrou e saudou:

— Ora *Deus entre aqui e o diabo em casa dos padres* (5).

— E a ti (acrescentou, imediatamente, e com certa ironia, o *Ti Cara Linda*) *Deus te dê tantos anos de vida como de palmos tem a formiga* (6).

— Mau, mau! Estou a ver que tu és dos que *querem um Deus para si e um diabo para os outros?!* (7).

— Bem sabes que, às vezes, é preciso mostrar-te, para acalmares, que nós não somos *nem tão bom como Deus nem tão mau como o diabo* (7). E além disso, e desculpa-me, *cada um trata de si que Deus é Pai e trata de todos* (8).

— Está bem, está bem. *A verdade manda Deus que se diga* (7), não é assim?

— Ouve lá: como o *tempo dá-o Deus de graça* (8), e o *futuro a Deus pertence* (7), ou, se quiseres, o *homem põe e Deus dispõe* (7), venho, hoje, com disposição para chalacear um pouco; olha que *Deus o que lhe vale é estar alto senão às vezes ouvias boas* (8)!

Bem, mas nada de brincar com coisas sérias, porque lá diz o *ditágio*: *graças a Deus muitas, graças com Deus poucas* (8). Eu bem sei que *Deus é bom mas o diabo também não é mau* (10); contudo nada de tocar em coisas sagradas.

— Pois, eu, *tamém*, estou com disposição para conversar, apesar deste reumático não me deixar.

— Não vos *aflijades* (12), porque *de hora a hora Deus melhora* (8). Estou como diz o *Antoinho da Cândida*: «*fiar em Deus que é santo velho*» (8), ou como diz o outro: «*põe a mão que eu te ajudarei*» (8).

— Estou a *penar os meus pecados* (13). Já dizia meu avô (*que Deus tenha na sua santa morada*) que «*Deus castiga sem pau nem pedra*» (6) e (10); e é bem certo.

— Sim, sim. *Deus que te castigou algum erro te encontrou* (10)!

— Não te rias do mal, porque *Deus não dorme* (7). *Deus ainda está onde estava* (7).

— ... *Por quem Deus nos manda avisar* (7)! Sabes que mais? *Deus te dê a fala que deu ao meu burro* (8)...

— Parece que em vez de alívio me trazes mais moléstia. Irra! É caso para dizer-te, embora contrafeito: *Deus nos livre de quem não deu as medidas* (6)!

— Sossega, porque bem sabes que *em cada hora Deus melhora* (6). A indisposição momentânea pode ser prenúncio de alegria. Não esqueças, mas não te envaideças, que *quem com Deus anda Deus o ajuda* (7).

— Sim, *Manel, quando Deus quer com todos os ventos chove* (10).

Mas eu sou um grande pecador. Bem *m'agarro aos santos da minha devoção* (15), mas... Já o meu pai, *que Deus tenha na Sua santa morada*, me dizia: «*quando Deus quer os santos não advogam*» (8).

— Eu, *tamém*, tenho ouvido dizer que: «*se Deus não quer a santos não rogues*» (10).

Nós, agora, só estamos bons para rezar Padre-Nossos, ou para cantar os «Martírios». Temos de nos *encomendar a Deus*.

Mas como tudo vai desaparecendo! Ainda me recordo de alguns versos dos «Martírios» que cantávamos no fim das Cruzes (Via-Sacra) na igreja e na rua. Ora escuta:

Fui ao Bom Jesus de Braga
 Vi lá uns tantos martírios,
 Foi-se-me a luz dos meus olhos,
 Turvaram-se-me os meus sentidos.

Fui ao Bom Jesus de Braga,
 Ai Jesus o que eu lá vi.
 Foi-se-me a luz dos meus olhos,
 Logo por terra caí.

Jesus Cristo está no horto,
 De joelhos em oração,
 Vieram os três algozes,
 Com sua espada na mão.

Vieram as três Marias
 E pentearam-no muito,
 Logo dali o levaram
 Lá para o seu santo sepulcro (⁴⁶).

E a «encomendação das Almas» que se fazia, também, na Quaresma? Que lindo costume!

À noite, quando tudo dormia, lá se ouvia, em vários lugares da freguesia, (nas paragens) um cantar dolente, tristonho, que comovia e metia medo.

Tu ainda te deves *lembrar* bem disto pois *andásteis*, algumas vezes, com o *António Pintor* a encomendar as Almas?!

— *Bô* se recorde!

Éramos três homens e, às vezes, a tia Arminda. Embuçados nos capotes e a tia Arminda com o xale pela cabeça, de lampião nas mãos, nas paragens, virávamo-nos uns para os outros e cantávamos:

Acordai, ó irmãos meus,
 Desse sono em que estais,
 Que as almas se estão queixando,
 Que delas vos não lembrais.

Rezemos uma Salvê-Rainha
 À Virgem Nossa Senhora,
 Que ela seja nossa madrinha,
 E nossa intercedora.

Rezemos um «crem» Deus Pai
 A Sagrada Morte e Paixão,
 Que à hora da nossa morte
 Nos dê a salvação.

Vós que estais nas vossas camas,
 Dormindo e descansando,
 Ficai-vos com Deus ficai-vos,
 Que eu com Deus me vou andando (46).

E no fim, rezávamos um Padre-Nosso e uma Avê-Maria pelas nossas intenções junto à porta principal da igreja, depois de ter feito o oferecimento ao S. Sacramento.

Estes rapazes e raparigas de agora só pensam nos futebóis e na *trevisão!*

Mas, falemos de coisas mais alegres. Sabes o que me estava, agora, a lembrar? Aquelas «rondas» que nós fazíamos quando éramos moços. As nossas namoradas nem dormiam quando lhes dizíamos que íamos fazer uma ronda.

Rondas! Mas quem fala em rondas, fala em noites calmas, luarentas, vozes enternecidas de moços a vibrar de amor pelas suas adoradas, ais reprimidos de namoradas em vigília!

Rondas! Noite com o luar a espreitar por todos os lados, latidos de cães que guardam propriedades — as cordas do violão e da guitarra, tocadas por mãos calejadas, mas hábeis, começam de ser dedilhadas. Balem ovelhas ao longe, piam aves noctivas, orneiam jumentos estremunhados, cantam galos espantados.

As vozes dos solistas vão ouvir-se em quadras repassadas de amor.

No cimo do lugar, a ronda põe-se em marcha num passo lento, cadenciado. Os acordes do violão e da guitarra já se ouvem. O primeiro cantor prepara-se para começar a cantar; toma fôlego e...

Mas demos, agora, novamente, a palavra aos nossos velhotes.
 — Sim, as nossas rondas! — lembra o *Ti Cara Linda* — .

Apesar de velho, *Manel*, quantas quadras ainda me lembram das nossas rondas!

— Ó *Cara Linda*, vamos tentar lembrar alguns «versos» dessas rondas?

Ora começa lá tu a ver se eu ainda *incarrilho*.

— Vamos lá tentar. Eu vou dizer algumas quadras de que m'alembro, mas tu, *tamém*, dizes depois algumas, está certo?

— Sim, começa lá.

E o *Ti Cara Linda* começou a dizer estas quadras, que vou reproduzir fielmente:

A carta que me mandaste,
Trazia a letra tremida,
Foi com o calor do seio,
De a trazeres escondida.

Atirás-te-me, atirei-te,
Encontraram-se as pedrinhas,
Quando as pedras se encontram,
Que fará as nossas falinhas.

Se os meus tristes ais voassem,
Dera dez mil cada hora,
Que fossem bater ao peito,
De quem me lembrou agora.

Ando por aqui de noite,
De dia não posso andar,
Ando lavrando terreno,
Para outro sementar.

Constipei-me à tua porta,
A tomar uns gargarejos,
Agora, tens de curar-me,
Com sanapismos de beijos.

Pronto (acrescentou o *Ti Cara Linda*). Agora, dissei lá vós algumas que *tendeis* boa memória.

— Ai vão estas — disse o *Ti Manel* — :

Saudades te persigam,
Que não te possam valer,
De tão alto caias tu,
Que aos meus braços venhas ter.

Com falinhas indecisas
O melhor tempo se gasta,
Trata das voltas precisas,
Que de cantigas já basta.

Se queres que eu te não queira,
Pede a Deus p'ra que me chame,
Pois, nem Deus doutra maneira
Consegue que te não ame.

Eu quero-te amar, amar,
Eu quero-te querer bem,
Hei-de te tirar de casa,
Sem o saber tua mãe.

Atirei com a pena ao ar,
Caiu no chão fez um i,
Ande lá por onde andar,
Nunca me esqueço de ti.

Os nossos velhotes sentiam-se, já, um pouco cansados, após esta conversa que tinham entabulado, de pé, debaixo do alpendre; por isso o *Ti Cara Linda*, depois de levar o amigo à adega, onde se provou a *pinga*, que *tinha uma rica agulha*, e *Deus queira lhe fizesse mil onças de sangue* (³³), convidou o amigo a sentar-se no quintal contíguo à casa:

— Ó *Manel*, e se nós fôssemos ali para a horta sentarmo-nos ao pé daquele olmo, que eu plantei, continuar a lembrar um pouco o passado?

— Vamos lá, *home*; sempre ouvi dizer que *quem se muda Deus o ajuda* (8).

Ó *Cara Linda*, ainda te recordas daqueles versinhos dos olmos que nós cantávamos às moçoilas quando íamos com os *bães* p'ros lameiros? Não t'alembraς daquela cantiga que a *Xica Panda* cantou uma vez — há *qui* anos! — quando ela se babava por ti? Recordo-me como se fosse hoje. Era assim:

Subi ao olmo sem rama,
 Quem m'há-de agora descer?
 Difamaram-me contigo,
 Quem m'há-de, agora, querer? (35)

— Ah! Já m'alembro. Eu até lhe respondi com esta:

Rip'à folha ó teu olmo,
 Que eu ao meu já lh'a ripei,
 Tira de mim os sentidos
 Que eu de ti já os tirei (36).

E ela, então, zangadíssima atirou-me com esta:

Algum dia por te ver
 Ia de noite à fonte,
 Agora, peço às Almas
 Que nem de dia t'encontre (37).

— E tu não te recordas daqueles jogos de roda que em *Silhades* (45), a quando da apanha da azeitona, e nos domingos, atrás da igreja, dançávamos? Era até a *Tia Ruadas* que com o pandeiro marcava o compasso. Que bailados tão legres e inocentes e tão diferentes dos que, gora, para aí dançam esses rapazes e raparigas *evolidos!*

Era sempre a *Amélia do Rentes* que dava a entrada. A *Maria Xica* gostava muito daquele que começava assim:

Deixaste-m'a mim por por outra }
 Para amar a quem mais tem; } bis
 Eu por riqueza não deixo }
 D'amar a quem me quer bem. } bis

Estrilho:

Quem m'há-de querer, agora, }
 Quem m'há-de querer a mim, } bis
 Sabendo eu que te amo, }
 Eu dava a vida por ti. } bis

Tenho dentro do meu peito }
 Laranja, verde limão, } bis
 Para ter a fruta toda, }
 Falta-m'o teu coração. } bis

Estrilho: Quem m'há-de...

Ó meu amor d'algum dia, }
 Tu queres-m'ainda bem? } bis
 Essa *procura* está boa, }
 Isso duvid'ó alguém? } bis

E ela ia deitando o olhar para ti que, também, diga-se a verdade, não despregavas os olhos dela!

— Bons tempos, mas que já não voltam, em que nós trazíamos as cachopas ali da terra embeçadas!

— Bem, eu estou convencido que Deus nos há-de perdoar, porque, como diz o adágio, *quem na primeira se emenda a Deus se encomenda* ⁽¹⁰⁾ e os santinhos da nossa devoção, também, hão-de ajudar. A minha avó dizia muitas vezes: *Deus nos deia quem por nós seja* ⁽⁸⁾. E olha qu'ê verdade!

E, então, as oraçõeszinhas que nos ensinaram as nossas avós e que nós rezamos todos os dias, ao deitar e levantar, não hão-de servir para nada?

Olha eu nunca me levanto que não diga:

Bendito seja Deus,
 Bendito o claro dia,
 Bendito o santo do meu nome,
 E o santo deste dia.
 Em louvor de Jesus
 Padre Nosso e Avé Maria (47).

E, ao deitar, rezo sempre esta oração:

Nesta cama me deitei,
 Com sete anjos me encontrei,
 Três aos pés quatro à cabeceira,
 Nossa Senhora na minha dianteira;
 Ela me disse: — «dorme e descansa
 Não tenhas medo a má cousa,
 Que aqui estou eu para te guardar,
 E Jesus Cristo para te salvar» (8).

— Eu, também, rezo ao levantar e ao deitar.

Não sou nenhum *hirejo*. Aprendi de pequenino esta oração e digo-a sempre, ao levantar:

Já vejo a árvore,
 Já vejo o dia,
 A Deus me encomendo
 E à Virgem Maria
 E santas e santos deste dia.
 Deparai-me, Senhor,
 Uma boa companhia.
 Em louvor do filho da Virgem Maria
 Um Padre Nosso e uma Avé Maria (8).

E, à noite, ao fazer as minhas rezas, nunca me esquece esta outra, que minha avó me ensinou:

Jesus ao meu lado,
 Jesus no meu leito,
 Jesus crucificado
 Na cama em que me deito (⁴⁷).

.....
 Vergados ao peso dos anos, lá se dirigiram os nossos velhotes para o quintal com os tamancos a arrastar.

Já sentados nos bancos de pedra, que rodeavam o olmo, retomaram os velhotes a conversa.

— Sabes, *Manel*, este ano deve ser um mau ano agrícola. Primeiro tivemos um nabal muito fraco e o resto é o que se está vendo.

— *Atão* tu não sabes que *quem quiser bom nabal peça a Deus que nasça mal?* (⁸).

— Não sei como há-de ser. Nós os pobres, se *Deus não nos acode...*

— Sabes que mais? Para vós há-de chegar.

— Pois, pois. Quando andamos a bem com Deus tudo chega. *Tamém*, estou como diz o *João da Francisca*: «o pouco com Deus é muito sem Deus é nada» (⁷). E além disso chegue para hoje que *para amanhã Deus dará* (⁷).

— Falas bem. *Nosso Senhor nos dê muito e nos farte com pouco* (⁶), não é verdade?

— Lá isso é; mas este meu filho podia ser mais trabalhador, não achas? Com a *cria* (¹⁷) que tem e deixou este ano a terra do *Couto* sem batatas! Está-se a pôr um madraço. Às vezes, já o sol vai alto, já o *tilintar dos bães* (¹⁸) da *Tia Zefa* mal se ouve ao longe, e ele ainda na cama e sem dar a ração aos animais!

— Não penses nessas coisas. *Vale mais a quem Deus ajuda do que a quem muito madruga* (¹⁰).

— É verdade. *Cada um é como Deus o fez* (⁷). Mas eu sempre ouvi dizer: *a quem madruga Deus o ajuda* (⁶).

Pelo que estou mais aborrecido com ele é por me dizerem que, às vezes, *se toma da pinga* (19), e faz umas coisas nada *agradáveis* (20).

— Eu sempre ouvi dizer que *ao menino e ao borracho põe-lhe Deus a mão por baixo* (21); portanto nada de preocupações.

E tu já o viste nesse estado?

— Eu não. Mas bem sabes: *Voz do povo, voz de Deus* (7).

— E porque o não casas?

— Nessa não vai ele! Ele já conhece a cantiga que diz:

«Pensei que o casar só era
Ir à igreja dar a mão,
Sustentar mulher e filhos,
É uma grande prisão.» (37)

E, também, esta outra:

«Eu casei-me, ontem, à noite,
Minha sogra não tem pão,
Dói-me a barriga com fome,
Ó que dor do coração.» (38)

— Sim, sim e tem razão. Olha que o casamento é como diz a cantiga do outro:

«Dei um nó na minha vida,
Nunc'ó eu chegara a dar,
Dei-o com a mão direita,
N'o posso desatar.» (37)

E, depois, as mães fazem muitas promessas aos filhos antes de casarem, mas, quando os apanham casados, cantam-lhes de alto. Fazem como rezam aquelas cantigas:

Minha mãe p'ra me casar
Prometeu-me um anel d'ouro,
Depois de casadinha,
Mandou-me m'à avó c'um caçoilo (37).

Minha mãe p'ra me casar
 Prometeu-me quanto tinha,
 Depois de casadinha,
 Deu-m'uma agulha sem linha (³⁵ e ³⁷).

Minha mãe p'ra me casar
 Prometeu-m'uma caldeira,
 Depois de casadinha,
 Mandou-me comprá-la à feira (³⁵).

Minha mãe p'ra me casar
 Prometeu-me três ovelhas,
 Uma cega, outra manca,
 Outra fanada das orelhas (³⁷).

Mas deixemo-nos de brincadeiras. Voltemos ao nosso assunto.

Que eu saiba nunca vi o teu filho borracho. Todavia, se é verdade o que tu dizes, que se acautele de fazer alguma, porque os escritvães pedem todos os dias: «*Deus desavenha a quem nos mantenha*» (¹⁰).

— Eu preferia, a ser verdade o que me dizem, *que Deus m'ó levasse*. Ao menos ficava descansado e podia dizer sem sobressaltos na consciência: *Deus m'ó deu, Deus m'ó tirou* (¹⁰).

— Calma que as coisas quase sempre se arranjam quando menos se pensa. *Deus escreve direito por linhas tortas* (²³). Mas não deixarei, também, de dizer: *Deus nos dê cabeça e juízo até entrar no reino dos céus* (³¹).

— Ai, meu caro *Manel*, ele que podia ser um *home* à sombra das minhas barbas, e sai-me assim...

— Que lhe queres? *Dá Deus as nozes a quem não tem dentes* (⁷).

— Se ele soubesse que, hoje em dia, o que vale é o dinheiro, teria outro procedimento para ser alguém neste triste mundo.

— *Nisso estou contigo* (²⁴). O dinheiro é que manda. Meu amigo, hoje, *abaixo de Cristo isto* (²⁵) e (⁸).

— Porque ele é assim, vou dando alguma coisa em vida pelas minhas obrigações e em desconto dos meus pecados, porque, quando me finar, tenho a certeza de que não vejo de'le nada no outro mundo.

— Fazes bem, porque até *quem dá aos pobres empresta a Deus* (8).

— Ai quanto me custa morrer!

Olha que *Deus não é de brinquedos senão às vezes dava castigos* (8), não achas? O que nós fazíamos quando éramos solteiros! Não te recordas daquelas noites dos meses de Outubro e Novembro, quando íamos a ver partir a amêndoa prás *partidelas*, para casa da *Tia Arminda Fanega*?

Primeiro cantávamos a compasso dos martelos e vozes o canto «*Cravo Rijado*».

Olha que tu tinhas mesmo uma voz de respeito, mas eu *tamém* não ficava atrás! As costas e os pés estavam frios mas os corações até deitavam fogo!

Vamos tentar cantar uns versos? Recordar é viver, *home!* Ora vamos lá ver se ainda acertamos.

E os nossos velhotes, numa voz ainda firme, repassada de saudade, lembrando aquelas noites frias de Novembro, e o *pum, pum, pum* do partir da amêndoa, as conversas chistosas mas puras do grupo das partideiras, entoaram a cantiga:

Fála-m'ó cravo «rijado»,
Fála-me fora da rama,
Fála-me sem cobardia, ai, ai,
Quem é *cobardo* não ama.

Quem é *cobardo* não ama,
Quem ama não é *cobardo*,
Fála-m'ó meu amorzinho, ai, ai,
Fála-m'ó cravo *rijado*.

Fála-m'a onde me vires,
Não te escondas de ninguém,
Eu na fama já sou tua, ai, ai,
Por esse mundo além.

Acabada a cantiga, o *Ti Cara Linda* atalhou logo: «e quando tu dizias: «Ó *Cara Linda* ensina lá a doutrina a estas moças casadouras senão o Senhor Padre não as casa».

E eu então começava: raparigas, *ouvam* lá o *catecismo* ⁽⁴⁴⁾ d'hoje — *Mandamentos do Amor*.

Os Mandamentos do Amor
Eu os vou explicar:
São dez, minhas meninas,
Tratem de os decorar.

«E decorem-nos bem» — berravas tu...

1.º — Amar Deus sobre tudo quanto há.

Eu amo a Deus no céu,
Mas amo-te a ti cá.

2.º — Não jurar o Seu Santo Nome em vão;

Eu cá por mim fiz a jura,
De te dar a minha mão.

3.º — É guardar domingos e dias santos.

Eu deixo de os guardar,
Por causa dos teus encantos.

4.º — É honrar nosso pai e nossa mãe;

Bastante os tenho honrado,
Mas honro-te a ti, também.

5.º — É não matar. Eu nunca matei ninguém;

Só matava, se pudesse,
Saudades que meu peito tem.

6.º — É guardar castidade. Bastante tenho guardado;

Só para te guardar respeito,
Bastante tenho pecado.

- 7.º — Não furtar o que a outrem pertencer;
Só te furtava a ti,
Se acaso pudesse ser.
- 8.º — Não levantar falsos testemunhos a ninguém;
Eu por mim não os levanto,
A ti só te quero bem.
- 9.º — Não desejar mulher do nosso semelhante;
Só te desejo a ti,
Se tu me fores constante.
- 10.º — Não cobiçar as coisas que alheias são;
Só te desejo a ti,
Com todo o meu coração.

Estes dez mandamentos
Encerram-se em dois:
Amo a Deus no Céu,
Mas amo-te a ti depois ⁽⁴¹⁾.

Ouçam, também, os *Mandamentos da Mulher* e os da *Santa Madre Igreja*.

Mandamentos da Mulher:

- 1.º — Modéstia na frente,
2.º — Sorriso nos lábios,
3.º — Pudor do coração,
4.º — Serviço na mão ⁽⁴²⁾.

Mandamentos da Santa Madre Igreja:

Ai triste da vida minha,
Os mandamentos são cinco,
Eu sempre te falo a verdade,
E tu julgas que te minto.

O primeiro que é ouvir missa,
 Eu nunca faltei a ela,
 Exceptuando uma vez,
 Que estive na tua janela.

O segundo que é confessar-se,
 Eu sempre me confessei,
 Só não contei ao padre
 O que contigo passei.

O terceiro que é comungar
 Pela Páscoa da Ressurreição,
 Eu sempre te trouxe e te trago,
 Menina, no meu coração.

O quarto que é jejuar;
 Bem jejuam os que mal comem.
 Os beijos de uma menina
 Dão alento a um homem.

O quinto que é pagar dizimos,
 Eu já nenhum estou devendo:
 Os do ano que passou,
 E o deste que vai correndo (48).

E, agora, acrescentava eu ainda, vou ensinar-lhes quantos são os *Sacramentos do Amor*. São sete:

O 1.º que é Baptismo,
 Eu, também, fui baptizado,
 Tenho fé no que me dizes,
 Por isso vivo descansado.

2.º que é Confissão,
 Eu confirmo na verdade,
 Se te quero bem ou não,
 Deus do céu é que o sabe.

3.º que é Comunhão,
 Quem comunga é cristão,
 Anda vem para a igreja,
 Vem-me dar a tua mão.

4.º que é Penitência,
 Vem penitente saudar;
 Quer de dia quer de noite,
 Estás-me sempre a lembrar.

5.º que é Extrema-Unção,
 São palavras em latim,
 Quando passo à tua porta,
 Sempre olhas para mim.

6.º que é Ordem,
 Tenho ordem de prender,
 Na cadeia dos meus braços,
 Amor tu *há-des* morrer.

7.º que é Matrimónio
 Une-se o nosso coração
 Não há quem possa colher
 Esta rosa em botão (42).

E a *Tia Zeça do Eirô*, já velhota, com cara de mal humorada, não se continha e dizia: «ó meninos, vós *vinhestes p'rá qui* para trabalhar, ou para brincardes dessa maneira que *tanto desagrada aos olhos de Deus?*».

E eu (não te recordas?) ripostava-lhe: lá está a velha rabugenta a *encomodar a Deus sem necessidade!* (43) Não conhece, também, os mandamentos dos velhos? Não? Então *ouva*:

Os mandamentos dos velhos são quatro, a saber:

- 1.º — A tosse,
- 2.º — Do seu lugar tomar posse;
- 3.º — Pinga-lhe o nariz,
- 4.º — Não fazer caso do que ele diz (44).

É o que nós fazemos, *Tia Zeça*.

E a soca, às vezes, voava sobre as nossas cabeças.

E quando nós e o *Zé Tortinho*, o *Xico Velhinho*, a *Maria Gaga*, a *Teresa Abada* e a *Xica Seixas* íamos cantar «os reis»! Que borge fazíamos.

Já te não *alembras*, com certeza, daqueles «Reis» que a minha avó nos ensinou e que ela dizia serem muito alegres?

— Ó se recordo... Mas *cantós* lá tu a ver se ainda *encarrilho*.

— Afina a garganta que eu vou entoar.

E os velhotes, cantaram com ternura e saudade uns «reis» que se perderam há muito tempo e de que reproduzo parte da letra:

O ladrão do pinheirinho, (bis)
 Onde veio a nascer.
 Ré, mi, fá, sol, lá. (bis) (coro)
 À porta do Senhor Manuel, (bis)
 Que nos vai dar de beber.
 Ré, mi, etc. (coro)

Um raminho, dois raminhos, (bis)
 São os que trago ao peito.
 Ré, mi, etc.
 Viva lá o Senhor Manuel. (bis)
 Que é um homem de respeito.
 Ré, mi, fá, etc.

Que é um homem de respeito, (bis)
 E todos lh'o podem dar.
 Ré, mi, fá, etc.
 Viva lá o Senhor Manuel (bis)
 Cá no povo de Felgar.

.....

— Que tempos que já lá vão! Se Deus não deitar uma esponja sobre o nosso passado...!

Cansados pela longa conversa, e porque, também, já era um pouco tarde, acharam por bem pôr ponto final na mesma; e o *Ti Manel* pressuroso rematou então:

— Bem, vou-me embora porque *a noite temeu-a Deus* (⁷), e com esta *arage* que se levantou estou a sentir um pouco de frio.

— Quando tu tão *atafulhado* (²⁰) assim falas, que dirão aqueles filhos do *Antoinho Trunchete* que andam quase nus!

— ... *Dá Deus o frio conforme a roupa* (⁷). Não conhecias este *ditágio*? (⁹).

— E para a despedida vai mais um *cópito*, não?

— *Deus nos guarde o melhor para o fim* (⁸) não é verdade?

Quanto não sofria a minha Joaquina quando me via entrar em casa um pouco *toldado*, a cambalear! Era logo uma ladainha que me rezava: «*home sem juízo*», «*vergonha da minha cara*», «*enxovalho dos meus filhos*», etc. — e tinha mil carradas de razão.

Coitada! *Deus já a lá tem na sua santa morada*.

Quando nós casámos que festa a do nosso casamento! Ainda *m'alembro* dos bons conselhos que o santo do senhor Padre Francisco, *que Deus haja*, mos deu! E, ao sair da igreja, lá estavam a *Maria da Calçada* e a *Ernestina do Abel* segurando, à porta do adro, o arco muito enfeitado para cantar as *Loas*.

Ainda me recordo d'alguns versos dessas loas. Eram assim:

«Pare o acompanhamento,
Faça-se um arco na rua,
Quero falar a uma rosa,
Que vem duma clausura.

Ó minha amiga leal,
Trás de mim vem caminhando,
Se a vista não me engana,
Bem se vem envergonhando.

Bem se vem envergonhando,
Bem a podes duvidar;
Os pensamentos são tantos,
Tem medo de s'enganar.

E ó senhor José *Antinho*,
 Donde foi colher a rosa,
 Ao lugar do *Soutinho*,
 Onde estava tão mimosa.

E ó menina Joaquina,
 Donde foi colher o cravo
 Ao lugar dos *Barrais*,
 Onde estava tão fechado.

O padrinho e a madrinha
 Venham cá p'rá dianteira,
 Quero-lhes oferecer uma rosa
 Duma mocinha solteira.

Aqui lhes deito este trigoinho
 Com folhinhas a voar,
 Isto é p'ra que m'ó tornem,
 O dia em que me casar.

Aqui lhes deito este trigoinho,
 Mas olhem que não era meu;
 Hoje foi a menina Joaquina,
 Mas tinha vontade de ir eu.

E o senhor Padre Francisco,
 No raminho da laranjeira,
 Vai-as casando a todas,
 Só eu fico para solteira.

Mas por isso não me apoquento,
 Porque se Deus quiser, como eu quero,
 Tenho na minha ideia,
 Que não há-de tardar muito tempo.

— «Mas do que tenho muitas saudades — dizia um dos velhotes — é da fogueira do Natal».

É que a fogueira do Natal era o passatempo preferido da rapaziada na noite de Natal em recuados tempos, e ainda, hoje, nalgumas freguesias trasmontanas mais sertanejas.

Antes da «*missa do galo*» os mordomos do Menino Jesus (quatro rapazes dos dezoito aos vinte anos — por ex. em Felgar) acompanhados de outros rapazes iam, com qualquer carro de bois que apanhavam à mão, buscar a lenha que dias antes tinham pensado tirar: os dois maiores cepos que houvesse ou uma boa árvore (amoreira, choupo, castanheiro, oliveira, etc.). Depois de carregado, corriam com velocidade perigosa por carreiros e caminhos pedregosos até junto da igreja paroquial, onde descarregavam a lenha.

O garotio com as *zurras* (primitivo instrumento musical) e toda a espécie de assobios fazia um barulho *de rachar*.

Os sinos bimbam dando o terceiro toque. A lenha já crepita envolvida por giestas e outros *guiços*. As faúlhas elevam-se para os céus com fumo de mistura. O sacristão berra à entrada da porta principal:

— «Ó rapazes *entraidei* que o senhor padre vai começar a santa missa».

Todos entravam excepto um ou outro já um pouco *carregado* que ficava a tratar da fogueira.

Homens encapotados e mulheres com xales pela cabeça e costas, rapazes e raparigas bem agasalhados, velhos trôpegos, ninguém faltava nesta noite, noite santa, à missa. O garotio postava-se enlevado junto do presépio que o *Tio Filipe* e o *Zé do Eirô* com a ajuda dos mordomos do Menino Jesus arranjaram. As luzes mortijas das velas e dos candeeiros de azeite, que cada um levava p'ra se alumiar, espalhados por toda a igreja, emprestavam à mesma um ar de beleza e de solenidade.

Durante a missa, ao começar o *Sanctus*, o *Ti Carrasqueira velho*, numa voz estridente, que parecia deitar a igreja abaixo, entoava o *Bendito*:

«Bendito e louvado seja o Menino Jesus nascido».

E o povo respondia: «No ventre da Virgem Maria nove meses andou Escondido».

E ele continuava: «Glória seja ó Padre, ao Filho e ao Amor também».

E o povo: «Ele é só Deus na glória p'ra séculos sem fim, Amém».

No fim da missa, o senhor Padre dava o Menino Jesus a beijar e todos ofereciam a sua esmola cantando:

 «Vinde, vinde ó Deus Menino
 Nascer no meu coração». (bis)
 coro { «Na terra há alegria,
 No Céu ainda mais,
 Que nasceu Jesus,
 Bendito sejais». (bis)
 «Vinde a ver o Deus Menino
 Que nasceu para nosso bem». (bis)
 coro «Na terra há alegria...».

 «Do varão nasceu a vara
 Da vara nasceu a flor». (bis)
 «Na terra...».
 «Da flor nasceu Maria
 De Maria o Redentor». (bis)
 «Na terra...».

 «Pastorinhos do deserto
 Correi todos vinde ver» (bis)
 «Na terra...».
 «A pobreza da lapinha
 Onde Jesus veio nascer». (bis)
 «Na terra...».

.....

Depois de beijar o Menino, uns seguiam para casa e outros junto à fogueira, virando-se, ora para um lado, ora para outro, palravam e riam à luz da labareda da fogueira sob o manto estrelado do céu ou envolvidos por aborrecido nevoeiro.

— «Como tudo se vai perdendo, ó *Cara Linda*, não achas?»

E os nossos velhotes pareciam não acabar o interminável rosário de recordações da sua mocidade...

À sua memória ainda fresca acudiam de roldão, naquele momento, todos os factos e costumes da sua adolescência, páginas belas de um passado quase esquecido, e só o caminhar apressado do dia para o seu ocaso não permitiu que eles falassem, longamente, mas apenas ao de leve, de certos costumes como: a dança do Carnaval, a «serra a velha», a «Aleluia» de Domingo de Páscoa, as romarias, as cegadas, malhadas, etc., etc.

Que pena sinto eu, também, não ter podido registar esta parte da sua conversa, que a fazê-lo, seria, com certeza, motivo de enlevo, para os leitores e não menor prazer espiritual para mim.

Bebido mais um copito, do que *não deixa criar rãs na barriga*, e depois de vigoroso aperto de mão e das fortes palmadas nas costas, os cães latiram mais uma vez, as portas rangeram ao abrirem-se e os nossos interlocutores acabaram por se despedir.

— Bem, adeus; *té* (27) amanhã se *Deus Nosso Senhor quiser*. Estimo as tuas melhoras e que o Zé, se é verdade o que dizem as más línguas, se emende.

— Adeus e muito obrigado pela tua visita. *Deus te dê muitos anos de vida* para vires cá ainda muitas vezes, mas que eu não esteja doente...

— E tu que os contes... Adeus.

E afastaram-se.

O sol com os seus raios faiscentes, lançando pelo planalto uma poalha de ouro de várias cores, tentava esconder-se lá para as bandas do Vilarinho da Castanheira. O crepúsculo espreitava a medo. Envolvidos em ténues nuvens de poeira, os rebanhos, já, fartos regressavam aos seus bardos.

Já nos sinos da airosa igrejinha tocavam às Trindades quando o *Ti Manel* chegou junto do chafariz da entrada da povoação, onde

a *cria*, ao regressar do campo, se dessedentava, e os rapazes e raparigas, nas tardes dos domingos e em noites luarentas, alimentavam os seus amores ou davam as suas queixas trocando uma ou outra quadra como estas:

«Amor meu, e amor doutra,
 Como t'hei-de chamar meu?
 Tu falas com quem tu queres,
 E as penas sinto-as eu (37).

Morena, se ouvires dizer
 Algum dia que eu morri,
 Acredita qu'é verdade,
 Eu morro de amor por ti (38).

Deixar-te, amor, é receio,
 Que nenhum dia senti;
 Balão que parte vai cheio,
 E eu nunca m'encho de ti (39).

Ó meu amor, olha a lua
 Que nos anda a espreitar,
 Ela anda de rua em rua,
 Só p'ra nos ver beijar (40).

Eu não sei que mal te fiz,
 Eu não sei que mal te faço,
 Que te tiras da janela,
 Quando eu na rua passo» (38).

Como que saído dum sonho eu só, agora, noto que os leitores não têm muito que fazer, porque doutra maneira não perderiam tempo a ler-me; por isso faço meu e com proveito para os leitores, julgo eu, este adágio dos alto-durienses: *Deus deia que fazer a cada um no seu ofício*.

Notas ao texto

- (²) Conversar um pouco.
- (³) Isto é, de seres racionais, em oposição a vozes de animais, referentes a irracionais. Lá diz o ditado: *vozes de burro* (também, dizem de *animais*) *não chegam ao céu*. (Torre de Moncorvo).
- (⁴) Couceira.
- (⁵) Recolhido na freguesia e concelho de Vinhais.
- (⁶) » » » » » Vila Nova de Foz Côa.
- (⁷) » » » » » Torre de Moncorvo.
- (⁸) » » » de Felgar, concelho de Torre de Moncorvo.
- (⁹) Ditado.
- (¹⁰) Recolhido na freguesia de Caetedo da Vilarça, concelho de Torre de Moncorvo.
- (¹¹) Também.
- (¹²) Aflijais.
- (¹³) Isto é a sofrer neste mundo o castigo merecido pelos pecados.
- (¹⁴) No céu.
- (¹⁵) Peço muito aos santos.
- (¹⁶) Então.
- (¹⁷) Gado bovino.
- (¹⁸) Isto é, o tilintar das campainhas que estes herbívoros trazem pendentes da nuca.
- (¹⁹) Se embriaga.
- (²⁰) Agradáveis.
- (²¹) Recolhida na freguesia de Carviçais, concelho de Torre de Moncorvo.
- (²²) De consciência tranquila.
- (²³) Recolhido na cidade de Bragança.
- (²⁴) Penso como tu.
- (²⁵) Isto = *dinheiro*. Ao dizerem *isto* friccionam o polegar e o indicador da mão direita, gesto que significa *dinheiro*.
- (²⁶) Muito agasalhado.
- (²⁷) Até.
- (²⁸) Recolhido no lugar do Tua, concelho de Carrazeda de Anciães.
- (²⁹) Recolhido na freguesia de Peredo dos Castelhanos, concelho de Torre de Moncorvo.
- (³⁰) Recolhido na freguesia de Souto da Velha, concelho de Torre de Moncorvo.
- (³¹) Recolhido na freguesia e concelho de Peso da Régua.
- (³²) Recolhido na freguesia de Ligares, concelho de Freixo de Espada à Cinta.

(33) Recolhido na freguesia de Cever, concelho de Santa Marta de Penaguião.

(34) Recolhido na freguesia de Felgueiras, concelho de Torre de Moncorvo.

(35) Recolhida na freguesia de Larinho, concelho de Torre de Moncorvo.

(36) Recolhida na freguesia de Cactedo da Vilariça, concelho de Torre de Moncorvo.

(37) Recolhido na freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa.

(38) Recolhida na freguesia de Lagoaça, concelho de Freixo de Espada à Cinta.

(39) Recolhida na freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro.

(40) Recolhidos na freguesia de Lagoaça, concelho de Freixo de Espada à Cinta.

(41) Recolhidos na freguesia de Mós, concelho de Torre de Moncorvo.

(42) Recolhido na freguesia de Sendim, concelho de Miranda do Douro.

(43) Recolhidos na freguesia de Felgar, concelho de Torre de Moncorvo.

(44) Homília.

(45) Lugar que a tradição diz ser o primitivo Felgar e onde se encontra a maior parte dos olivais e amendoais de Felgar.

(46) Recolhidos na freguesia de Masouco, concelho de Freixo de Espada à Cinta.

(47) Recolhida na freguesia de Lousa, concelho de Torre de Moncorvo.

(48) Recolhidos na freguesia de Cardanha, concelho de Torre de Moncorvo.